

Capítulo 3 – Encruzilhadas, discussões, veneno!

O grupo alcançou o anão que insistia em seguir na ponta. Ao seu lado vinha Arthins, caminhando com o martelo em punho. Em seguida Baliak, empunhando sua espada mantendo-se em silêncio e com um semblante sério, algo realmente raro. Joukthups caminhava ao lado do meio-elfo levando seu cajado mágico. Com os braços cruzados a Nitia, Tsugio caminhava amparado pela elfa. Ela trazia seu machado de batalha na mão esquerda, apesar de não ser canhota. O homem-do-norte usava sua katana embainhada como um cajado, pois as bainhas fabricadas em seu reino eram feitas de madeira resistente, sendo muitas vezes utilizadas como armas durante combate. Maliha vinha logo atrás os ajudando quando o caminho estava mais difícil. Cuidando da retaguarda vinham Assiral e Lariata, com armas em punho e olhando para trás sempre que possível. A tensão era tamanha que Assiral mantinha-se quieto, sem fazer as habituais investidas sobre Nitia.

Caminharam até chegar a uma encruzilhada onde era possível fazer uma abrupta curva para esquerda ou seguir reto. O anão seguia para esquerda, quando Lariata disse:

__Não havíamos decidido em não pegar a esquerda novamente?

__Você não parece ter vivido entre anões, Lariata. Se seguirmos reto estaremos voltando por onde viemos. – respondeu rispidamente Baraz-Bund.

__Mas estou vendo meu mapa, nós pegamos o caminho da esquerda na última vez.

__Se nós pegamos o caminho da esquerda na última vez, agora que estamos voltando devemos pegar para esquerda novamente para irmos para um caminho diferente Sigam-me, não teiem! – respondeu o anão, perdendo a paciência. O grupo seguiu o anão, não apenas porque era de uma raça que a milhares de anos sobrevive debaixo de montanhas, mas principalmente porque o que ele dizia fazia sentido. Lariata concordou com a cabeça e seguiu o grupo, sem entender muito bem o que acontecia. A guerreira, Assiral e Baliak atualizaram seus mapas enquanto caminhavam.

A trilha pela caverna permanecia abandonada e esquecida. Após caminharem por cerca de dois quilômetros depararam-se com um abismo profundo o qual era cortado por uma grande e estreita ponte de pedra, que os levava a um caminho ainda mais escuro. O silêncio era tanto que era possível ouvir o som de água corrente no fundo. Nem mesmo o anão conseguia ver o final da ponte, mas sua travessia não parecia ser um grande desafio.

Um pequeno pedestal de pedra, com cerca de 1 metro de altura, estava um pouco antes da entrada da ponte e chamava a atenção. Sobre ele havia um pergaminho velho e sujo.

__Deve ser a nascente do rio que alimenta grande parte de Dalrag. – disse Assiral.

__Que saciava a sede de meu povo. – completou Baraz-Bund, ainda visivelmente abatido.

__O que será que está escrito no pergaminho? – perguntou Baliak controlando sua curiosidade.

__Não toquem, nem leiam isso ainda. – disse Joukthups. – Deixe-me verificar algo antes. – o arcano concentrou-se e disse algumas palavras mágicas. – Era como eu temia, há uma forte magia nesse local.

__Isso é evidente. – disse Arthins.

__Magia!? Não digam besteira! Não há magia alguma em cidades de anões! – disse Baraz-Bund aproximando-se e lendo o conteúdo em voz alta:

“Três são as palavras,
três são as criaturas”

__Não leia isso, Baraz-Bund! Você pode convocar uma magia! – disse Joukthups, tentando contê-lo.

__Não me interrompa, nós temos que ler isso de todo jeito, não? Não seja covarde!
– o anão voltou a ler, confiante:

“Três são as palavras,
três são as criaturas”

Se não deseja com todas se acertar,

Deverá selecionar,

Com qual é melhor dialogar.

AGINHA GARANTE é envolvente e surpreendente.

HOLAO LADO é atentado e avoadado.

ANTAFASM OANA emana frio e encanta.”

O grupo fez um longo silêncio, quebrado por Maliha:

__É impressão minha, ou nada aconteceu? Alguém está sentindo alguma coisa?

__A magia só funcionará quando dissermos as palavras. – respondeu Joukthups – Baraz-Bund, devo confessar. Sua imprudência nos salvou. Íamos ter que lutar contra três criaturas.

__Criaturas? Do que vocês estão falando? – perguntou Lariata.

__Isso são diagramas de letras. – respondeu Nítia.

__É o que? Não conheço essa palavra: diagrama. – questionou Tsuguiio.

__É uma charada. – respondeu a elfa. – Quer dizer que se não escolhermos uma das três criaturas, teremos que nos ver com as três.

__Está dito que é só para dialogar, sendo assim não há grandes problemas, não é isso? – perguntou Maliha inocentemente.

__Acho difícil que seja apenas para dialogar. – disse o anão. – Isso não foi construído por meu povo. Preparem-se, pois o diálogo pode ser sangrento.

__E como faremos para convocar uma das criaturas? – perguntou Lariata.

__Primeiro devemos desvendar o diagrama. Depois basta dizer o nome da criatura e ela será convocada. – Respondeu Joukthups. O grupo debruçou-se sobre o pergaminho, tentando desvendá-lo. Apenas o anão manteve-se separado. Parecia ansioso e caminhava de um lado para outro, olhando ao redor, ainda sob o efeito da fúria que o consumiu desde a visão dos anões transformados em zumbis. Passados dois ou três minutos, sem que ninguém tivesse dado uma resposta, Baraz-Bund disse impaciente, caminhando em direção a ponte:

__Ah! Que venham todos eles! Meu machado está pronto!

__Fique onde está anão! – respondeu Arthins contendo-o e colocando-se em seu caminho.

__Espere um pouco e terá sua vingança. Nossa vingança! – Lariata respondeu firmemente ajudando a segurar o anão. Olhava fixamente para seus olhos, que agora pareciam grandes mesmo disfarçados pela longa barba e elmo. Apesar de ter sido criado por humanos, e ser polido na maior parte do tempo, por vezes Baraz-Bund enfurecia-se e sentia-se obrigado a morrer lutando para vingar seus antepassados. Fora contido com dificuldades, rosnando e resmungando.

Arthins, Lariata e Tsuguio afastaram-se dos demais, juntamente com Baraz-Bund, sob o pretexto de iriam controlá-lo caso ele tentasse avançar em direção a ponte novamente. No entanto, os demais sabiam que eles não seriam de muita ajuda nesse momento, pois eram analfabetos. Naquele tempo, era comum encontrar pessoas iletradas e era raro encontrar pessoas de origem humilde que sabiam ler e escrever. Lariata e Arthins eram guerreiros e dedicaram suas vidas à expertise nas armas, ignorando a importância da leitura, já Tsuguio possuía seu misterioso passado como álibi, mas provavelmente sabia ler e escrever em sua língua natal. Em seu reino a escrita foi popularizada, mas era completamente diferente da língua dominante no restante de Katzir. O homem-do-norte sentou-se com as pernas cruzadas, analisando seus ferimentos. Lariata e Arthins permaneceram próximos ao anão atentos às suas reações. Enquanto isso, os demais analisavam o pergaminho, tentando solucioná-lo. Todos emitiam opiniões, com exceção de Assiral, que permanecia observando as letras com um olhar de interjeição. Baliak chegou até ele mostrando um pergaminho com algo escrito:

__Assiral, veja essa palavra. Acha que devemos convocar esse monstro?

__Parece bom, acho que está no caminho certo. – respondeu Assiral, após fingir ler o que estava escrito.

__Eu sabia! Você também não sabe ler e escrever! – disse Baliak, abrindo um pequeno sorriso. – Não há nada escrito aqui!

__Não é verdade! Sei escrever meu nome! – respondeu envergonhado.

__Como pode um elfo não saber ler e escrever? – perguntou Nitia, espantada.

__Desculpe-me linda senhora. Passei a maior parte do meu tempo protegendo as florestas, para manter uma beleza que nunca superará a sua. Com isso sobrou-me pouco tempo para aprender a língua dos homens. – disse o elfo sorrindo apenas com o lado direito da boca.

__Essa conversa mole convence apenas suas concubinas, Assiral. Você devia ter vergonha! – respondeu Nitia. O elfo juntou-se a Arthins e Lariata, mas antes olhou sorridente para Nitia, confiante de que ela havia gostado dos elogios. A elfa respondeu balançando negativamente a cabeça e mantendo apenas um pensamento: Irresponsável.

__Aparentemente temos duas palavras compostas. – disse Joukthups, trazendo a atenção de volta ao pergaminho.

__Concordo, mas ainda assim não sei dizer quais são nossas opções. – respondeu Baliak. – Precisamos descobrir logo, nunca vi Baraz-Bund daquela maneira.

__Nem mesmo você conseguiria irritá-lo tanto. – completou Maliha em tom sério. Seu olhar meigo e jovial havia sido substituído por uma voz fria. – Os anões não encaram a morte da mesma maneira que os humanos. Eles acreditam que aqueles transformados em morto-vivos perdem toda a honra que obtiveram em vida e por isso não alcançam a paz, sendo obrigados a nascer novamente para provar seu valor.

__Baraz-Bund não sabe dessa tradição. Foi criado por humanos, não? – perguntou Baliak.

__Sim, foi criado por humanos, mas sempre recebeu visitas de seus parentes do Reino de Yurik. É difícil dizer o que ele está sentindo. – respondeu Nitia.

__Mais um motivo para pensarmos rápido nessa resposta. – interrompeu Joukthups. – Se concordam que temos nomes compostos, vamos trabalhar em cima dessa possibilidade.

O quarteto pôs-se a pensar. Logo chegaram a dois consensos: a primeira criatura era uma aranha gigante e a segunda um olho alado. Quanto à terceira não souberam responder e por isso se puseram a discutir qual criatura convocariam.

__Olho Alado me parece muito amplo. – disse Joukthups. – Podemos convocar até mesmo um Beholder.

__Beholder? O que é isso?– perguntou Arthins.

__Você vai preferir não saber. – respondeu Nitia.

__Convoque uma aranha gigante então. – replicou Baliak.

__Também não me parece uma boa idéia. – disse Nitia. – Pode ser desde uma aranha de um metro quanto de vinte!

__Vinte metros? Não me parece possível. – respondeu Maliha.

__Vinte metros, vinte centímetros? Quem se importa? – gritou Baraz-Bund. – Deixe-os vir! Meu machado está com sede de sangue!

__Devemos decidir logo, ou o anão trará toda a cidade até nós. – disse Nitia para Joukthups.

__Nenhuma das opções parece fácil, mas prefiro o olho. Concordam? – disse Joukthups.

__Convoque logo a criatura, antes que o anão convoque um exército! – respondeu Baliak.

__Está bem. – disse Joukthups, em seguida disse a todos. – Preparem-se, irei convocar o olho alado.

__Ótimo! Deixe-o vir! – rosnou Baraz-Bund, colocando-se na frente de todos, com seu machado em punho. Os demais se preparavam cada um com sua arma. Joukthups pegou o pergaminho, levantou-o a altura dos ombros e disse em voz imponente: “Olho Alado!”. Um silêncio se fez e até mesmo Baraz-Bund havia parado de rosnar. Todos olhavam para o abismo, para a ponte e para cima, mas nada enxergavam. Aparentemente, suas tochas não iluminavam a uma distância suficientemente longa. A tensão crescia, pois sabiam que entrariam em combate e nem ao menos sabiam contra o que lutariam. Ainda ferido, Tsuguo se mantinha no meio do grupo, com uma flecha pronta para ser disparada.

__Ali! Quatro alados. – gritou Baraz-Bund. – Venham até mim! Tragam seu olho imundo até meu machado!! – gritou Baraz-Bund, chamando a atenção das criaturas. Elas voavam cruzando o abismo e dividiram-se com o objetivo de cercar o grupo. Apesar de estarem ao alcance dos arcos, ninguém disparou uma flecha, pois nada enxergavam. O anão permaneceu gritando: “Venham até mim! Venham até mim!”, sua fúria assemelhava-se a de um bárbaro descontrolado.

O anão tanto provocou que todas as criaturas se dirigiram contra ele, agora em um vôo veloz. De repente, quatro figuras ficaram visíveis a poucos metros do grupo, cada uma possuía um olho pouco maior que uma cabeça humana, com uma pupila clara e sombria. As laterais das órbitas possuíam duas grandes asas negras, semelhantes à de um morcego, que batiam velozmente impulsionando-os em direção ao anão. Uma cartilagem repugnante se estendia na parte inferior do olho, em uma longa cauda com cerca de um metro de comprimento, semelhante a de um escorpião. Sua extremidade terminava com um terrível ferrão que era evidentemente venenoso.

Baraz-Bund não parecia intimidado e avançou, colocando-se na entrada da ponte, funcionando como alvo das quatro criaturas. Essa posição complicou os demais aventureiros, que não possuíam alcance para engajar em um combate corpo a corpo. Apenas Lariata e Arthins possuíam armas suficientemente longas, que poderiam golpeá-las a distancia. Os olhos alados lutavam com inteligência, usando o terreno a seu favor e se

protegendo das espadas do demais, ao manter-se sobre o abismo. Diversas flechas foram disparadas, mas apenas Tsuguio e Assiral acertaram o alvo, cada um provocando sérios danos, ao perfurarem os olhos das criaturas, porém não foram suficientes para abatê-las. Jockthups lançou uma grande bola de fogo, contudo errou o alvo e uma claridade deslocou-se para frente, iluminando o escuro caminho sobre o abismo. Maliha não possuía arma para atacar a distância e manteve-se ansiosa, esperando pelo momento que poderia ajudar o anão.

Uma das criaturas foi fortemente golpeada pelo machado do anão e despencou abismo abaixo. No entanto, Baraz-Bund foi rapidamente atingindo por três ferrões. Aparentemente, apenas um deles passou por sua armadura, o que fez o anão gritar, ainda rosnando. Lariata e Arthins, não conseguiam atingir as criaturas, pois a distância dificultava dar um golpe preciso. Maliha mantinha-se atrás do anão, com sua maça em punho pedindo para que recuasse. Os demais corriam para o flanco esquerdo ou direito, tentando procurar um ângulo para disparar suas flechas e magias.

O anão estava em apuros, mas não recuava. Uma dor profunda enfraqueceu seus braços e ele conseguiu derrubar um outro olho alado antes de tombar gemendo, rosnando e tremendo, como que ainda buscando forças para continuar lutando. Foi atingido por quatro ou cinco vezes e o veneno em seu corpo estava em uma dosagem que nem mesmo um anão poderia resistir. Maliha puxou-o para trás, possibilitando que Lariata e Arthins recuassem e obrigando assim que as criaturas avançassem, tirando a vantagem delas sobre o terreno. Enquanto isso, Tsuguio, Assiral e Baliak atingiram suas flechas ferindo os outros dois olhos alados. Jockthups feriu as criaturas ao utilizar de suas magias, acertando bolas de fogo não explosivas. Nitia, ao ver o anão tombar, correu em direção a Maliha, na ânsia por ajudá-lo.

Sem o terreno para ajudá-las as criaturas foram rapidamente derrotadas pelas magias, flechas, espada e martelo, caindo fatalmente. Após o quase sucesso na batalha os olhares se voltaram a Nitia e ao ferido, desta vez era o anão que se encontrava em uma situação mais grave do que o homem-do-norte. Sua musculatura estava rígida e tremia espasmodicamente, seus olhos estavam brancos com pupilas escondidas, saltitando sem foco. A dor que ele sentia parecia indescritível. Nitia retirou seu elmo à procura do local das picadas.

__Ajudem-me a despi-lo! – ordenou aos demais, que atenderam prontamente. Sabiam que se ele sobrevivesse não ficaria feliz por ter sido tratado dessa maneira, mas era notório que sua vida estava por um fio. Enquanto isso Nitia-Gandriel concentrou-se e fez a mesma reza que fizera na ocasião em que Tsuguo havia sido nocauteado.

__*Paxso mastirn Natusiest!* – disse enfaticamente, mas o anão não parecia reagir. Em seguida ela disse novamente, visivelmente cansada:

__*Paxso misirin Natusiest!* – mais uma vez sem efeito.

__Sua magia está falhando? – perguntou Maliha com um olhar preocupado.

__Faça alguma coisa! – gritou Baliak, visivelmente ansioso, enquanto desabotoava as fivelas que prendiam a armadura ao corpo do anão. Nitia estava fraca demais para tentar outra magia. Era preciso encontrar o local da picada. Valiosos segundos se passaram, enquanto a armadura era retirada. O anão ainda tremia, mas desta vez com menos intensidade e uma saliva branca e grossa sujava sua barba. Sua pele estava clara e parecia envelhecer rapidamente. O anão estava sendo tocado pela morte.

__Encontrei! Encontrei uma picada! – disse Baliak.

__Por Natusiest, no pescoço não! – respondeu Nitia. Rapidamente a elfa colocou a boca no ferimento, enquanto os demais olhavam espantados, afastaram-se do corpo, dando espaço para a elfa. Baliak levantou-se balançando a cabeça como que orando pela vida do anão. O meio-elfo sempre teve grande prazer em irritá-lo, mas naquele momento descobriu que o fazia, porque possuía grande admiração pelo amigo. O resto do grupo olhou com tristeza para Nitia-Gandriel. Ironicamente, cabia a uma elfa salvar a vida do anão.

Nitia sugou fortemente o veneno, cuspiendo-o à medida que o fazia. O gosto era azedo e o procedimento perigoso, pois se acidentalmente engolisse, poderia sofrer as mesmas conseqüências do anão. Apesar do esforço de Nitia, aparentemente o método não parecia surtir efeito. O anão não se mexia enquanto Nitia cuspia sangue e veneno, mas ao menos havia parado de salivar. Subitamente Baraz se contraiu uma última vez, agarrou a elfa pelo braço e disse com um olhar fraco:

__Eu morro com honra. Deix..., deixe-me... – nessas palavras ele gastou suas últimas forças, dizendo com voz fraca e rouca. Em seguida expirou de maneira forte e contínua, esvaziando o ar dos pulmões. O anão estava morto.